

06 lobo
23/11/97 14:15
29

AGONIA DE UM SANTUÁRIO: Com 30 toneladas de areia despejadas em seu leito por dia, Taquari altera seu curso e inunda fazendas

Fotos de Sérgio Tomisaki



PESCADORES NAVEGAM entre aguapés num canal aberto pela mudança de curso do Rio Taquari, em Corumbá, provocada pelo assoreamento gradativo nos últimos 20 anos. Ao fundo, a vegetação seca, destruída pelas inundações constantes

Soja tornou o Pantanal uma terra arrasada

Expansão agrícola sem cuidado ambiental destruiu matas, assoreou rio e aumentou as cheias, matando peixes, gado e pássaros

Amaury Ribeiro Júnior

Enviado especial

CORUMBÁ (MS). A implantação do plano de expansão agrícola que transformou Mato Grosso do Sul num dos maiores produtores de soja do país teve um preço alto demais, cuja fatura se apresenta agora, 20 anos depois: custou a harmonia ambiental do Pantanal Matogrossense, o maior santuário ecológico do mundo. Essa harmonia — o ciclo das cheias, a piracema (nome indígena dado ao fenômeno de reprodução dos peixes), o equilíbrio entre a fauna e a flora — foi totalmente quebrada. Agricultores vindos do Sul se instalaram no planalto adjacente à bacia hidrográfica do Pantanal, abateram pássaros e animais e substituíram pelas culturas de soja, sem qualquer cuidado ambiental, as matas ciliares (às margens) do Taquari, rio para onde, nesta época do ano, a maioria dos peixes migra para se reproduzir nas cachoeiras.

O resultado dificilmente poderia ser pior. Sem as matas, estima-se que 30 toneladas de areia começaram a ser depositadas por dia no leito do rio, alterando seu curso. Agredido, o Taquari criou um mecanismo de autoproteção: tomado por lençóis de areia, passou a avançar pela terra, já que não havia mais espaço para as águas correrem em seu curso normal até desembocarem no Rio Paraguai. Antigos canais se transformaram em florestas e o Taquari, como um furacão, se expandiu, derrubando barrancos e chegando às fazendas.

Fazendeiros lutam contra a força implacável das águas

No planalto, com o desmatamento, as águas começaram a se deslocar com maior velocidade, levando toneladas de areia em direção à parte baixa do Pantanal. Na bacia pantaneira aconteceu o contrário: os lençóis de areia impediram as águas de correr pelo leito, obrigando-as a seguir por novos canais e ocupar fazendas.

— O homem pantaneiro da bacia hidrográfica está pagando pela ação do homem que se instalou no planalto — resume o superintendente de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul, Nilson de Barros, ex-chefe do Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal (CPAP) da Embrapa.

— Ao ver as terras invadidas, fazendeiros da região do Caronal (a 50 quilômetros de Coxim, em direção a Corumbá) passaram a fechar com sacos de areia, às vezes

até cimento, as áreas arrombadas e canais antigos, para evitar que as águas tomassem conta das propriedades. Retirada por dragas do fundo do rio, a areia é jogada para as bocas que dão acesso aos canais e às baías.

Desastre ecológico número um: impossibilitados de voltar para o leito do rio, milhares de peixes que haviam migrado para as baías passaram a morrer asfixiados. Segundo o presidente da Colônia de Pescadores de Coxim, Raimundo Sales, toda vez que uma baía é fechada chegam a morrer num só dia 50 toneladas de peixes. Levantamento da ONG Unidade do Taquari mostra que espécies estão em extinção.

Desastre ecológico número dois: represado na região do Caronal, o Taquari voltou a se expandir na região do Rio Negro e da Colônia de São Domingos, alagando — durante todo o ano — as terras de pequenos produtores e fazendas. Impedidas de ser retiradas das partes alagadas, milhares de cabeças de gado estão morrendo à mingua. Segundo o presidente do Sindicato Rural de Corumbá, Luiz Alberto Vitória, só este ano devem morrer 150 mil cabeças de gado em mil fazendas ilhadas. Ele explica que nos últimos dez anos, devido às enchentes, Corumbá, que abriga a maior área do Pantanal, já perdeu mais de 50% do rebanho, que hoje é de 1,5 milhão de cabeças. Descapitalizados, pantaneiros e pequenos agricultores, que viviam da plantação de banana foram obrigados a se mudar para favelas.

Desastre ecológico número três: 300 mil hectares de florestas, que só sobrevivem nas terras firmes, secaram ao ser invadidos pelas águas, levando pássaros — que não abandonam seus ninhos — a disputar os restos de alimentos deixados pelos pescadores, num fenômeno conhecido como "a agonia dos pássaros do Pantanal". Só depois de esgotar as chances da captura de alimentos, os pássaros abandonam o habitat. Sem poder deixar a região, como fazem os pássaros, outros animais, como veados e porcos, morrem afogados ou de fome.

As consequências do desastre ecológico provocado pelo assoreamento do Rio Taquari estão sendo estudadas pela Embrapa.

— O assoreamento provocou um aumento do volume das águas. Nos lugares onde as florestas secaram, provavelmente espécies de terra firme, como veados, estão sendo substituídas por outras aquáticas — afirma o co-

ordenador-adjunto da pesquisa, João Batista Catto.

Mas a agressão ao ambiente parte também dos pescadores que desrespeitam a piracema, quando a pesca é proibida. Em Coxim, usando redes de mais de 200 metros, eles capturaram os poucos peixes sobreviventes que subiram as cachoeiras para se reproduzir. Apesar disso, reclamam dos fazendeiros, que matam os peixes ao fechar as baías com sacos de areia. A exemplo dos traficantes cariocas, os pescadores contratam crianças como olheiros que os alertam para a aproximação de policiais florestais.

— Chegamos a pegar numa só rede mais de 200 quilos de pacu e de pintado — diz o pescador Janair Gomes, o Arakem.

Superintendente alerta: consequências serão mundiais

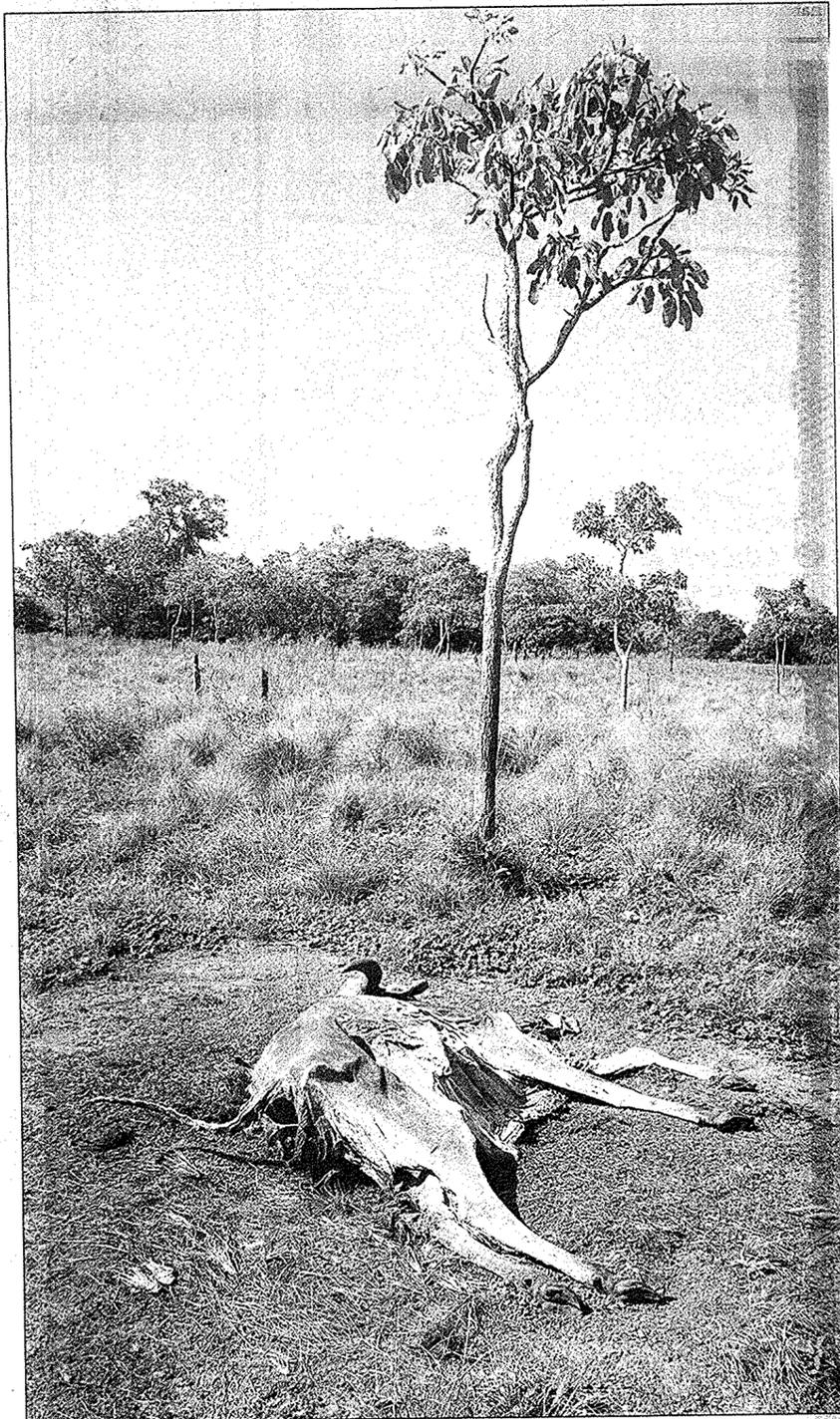
O superintendente estadual de Meio Ambiente diz já ter avisado o Governo que os problemas resultantes do assoreamento do Rio Taquari podem influir até na produção de oxigênio do planeta. Nilson de Barros constatou que as 30 toneladas de areia que são depositadas diariamente no leito do Taquari estão chegando ao Oceano Atlântico após percorrerem o Paraguai e o Rio da Prata, na Bacia do Prata.

— Essa areia impede a penetração de raios solares nos fitoplânctons, responsáveis pela produção de mais de 90% de oxigênio da Terra. O homem poderá levar mais de um século para corrigir 20 anos de destruição contínua — diz ele.

Ele observa que o assoreamento é favorecido também pela baixa declividade, de um a dois centímetros, nos 700 quilômetros do norte ao sul do Pantanal. Tese parecida é defendida pelo geólogo Wilson de Dias Pinto Filho, da Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Mato Grosso do Sul (Semade). Segundo ele, devido a uma falha geológica, o Taquari tem vocação para carrear terra em direção à planície.

— Essa areia seria conduzida lentamente ao longo do tempo. O que o homem fez foi antecipar em 20 anos um trabalho da natureza que poderia levar milhões de anos — avalia.

O geólogo alerta que o assoreamento dos rios e o desmatamento das matas no planalto podem comprometer o Arenito de Botucatu, complexo de rochas subterâneas que guarda a maior reserva de água doce do mundo. ■



BOI MORTO NA FAZENDA SãoRoque, em Corumbá: no coração do Pantanal Matogrossense, a imagem da desolação

09/10/97
23/11/97 15 cont.

AGONIA DE UM SANTUÁRIO: 80% das terras estão debaixo d'água

Com fazendas submersas, colonos se tornam favelados

Cheias reduzem aulas e impedem a chegada de remédios

• CORUMBÁ. Cerca de 500 agricultores, segundo o Sindicato do Trabalhadores Rurais de Corumbá, mudaram-se para as favelas da cidade por terem tido suas terras no Pantanal inundadas em consequência do assoreamento do Rio Taquari. Isolados da civilização pelas águas, outros dois mil colonos que ainda resistem à reação natural do Taquari se apegam a técnicas primitivas para sobreviver.

— Só restaram 50 dos 156 hectares da minha terra para plantar banana. O resto está debaixo d'água — lamenta o agricultor Domingos Costa Soares, de 53 anos.

Das antigas plantações de banana da região, 80% já estão submersos. As trilhas que dão acesso às colônias do Baixo Taquari — Cedro, Rio Negro, Corixão Miguelina e São Domingos — viraram um labirinto aquático. Somente um grupo seletivo de seis barqueiros de Corumbá consegue encontrar o caminho das trilhas que dão acesso às colônias. Para trafegar de canoa ou de chalana pelas trilhas estreitas e rasas, rodeadas de aguapés, o pantaneiro teve que substituir o remo pelas zingas, troncos finos e pontudos de árvores de cinco metros de comprimento.

Zingar (empurrar o barco com a zinga que é escorada no fundo do rio) virou o verbo mais usado na região do Baixo Taquari. Pelos menos duas semanas por mês, várias vezes por semana, os irmãos Maxmo Castelo, de 6 anos, e Gleice Castro, de 8, zingam por mais de quatro horas rumo à es-

cola. Por causa do assoreamento, as escolas tiveram que alterar seus calendários. Numa semana as crianças estudam em tempo integral, na outra ficam em casa.

Na Colônia São Domingos, onde médicos, vacinas e remédios não chegam há dois anos, agricultores retomaram rituais primitivos para curar doenças. Picada de cobra passou a ser tratada com a benzedura do curandeiro Neidas Silva. A parteira Ana Pessoa de Souza, de 55 anos, mistura orações religiosas com plantas medicinais. Entre uma prece e outra, ela lembra com saudade do tempo em que o vilarejo ficava a três horas de carro da cidade:

— As estradas foram totalmente tomadas pelos rios. Hoje chegamos a demorar dois dias de barco para chegar a Corumbá.

Pecuarista mora hoje numa casa de palha

Uma cheia atípica, que deixou 70% dos três mil hectares da Fazenda São Roque alagados, matou 200 das mil cabeças de gado da família de Nelle Andrade, de 51 anos. Segundo o fazendeiro, a tragédia teve início em outubro, mal o gado começava se recuperar da enchente de 96. Andando a cavalo pelas terras da São Roque, a equipe de reportagem do GLOBO deparou-se com vários esqueletos de bois mortos e com outros animais agonizantes.

— É sempre assim: com frio e com fome, o gado vai ficando fraco até cair e não se levantar mais — conta Nelle.

Menos sorte teve a fazendeira Berenice Castelo, de 73 anos, do-

na da Fazenda Campa Eliza, que está com seus sete mil hectares submersos. Com a casa-sede totalmente inundada, Berenice, que já teve um rebanho de cinco mil cabeças de gado, mora hoje numa casa de palha, de onde administra as cinco vacas que lhe sobraram. Situação semelhante também é vivida pela fazendeira Porquéria Castela, na região de São Domingos. Apesar de estar com 300 hectares totalmente alagados, a fazendeira continua pagando o Imposto Territorial Rural (ITR) na esperança de um dia recuperar suas terras. Histórias como essas estão preocupando os pesquisadores do Pantanal.

— O homem pantaneiro só se alimenta de gado. Não atira em pássaros. Já os que chegam de fora se alimentam até mesmo ema, o que comprova que as transformações provocadas na região põem em risco o ecossistema — diz o pesquisador Luiz Marques Vieira, do Centro de Pesquisa Agropecuária da Embrapa.

Ilhados pelas águas que não param de avançar, um grupo de 30 agricultores das comunidades de Cedro e São Domingos reza pelas almas de seus parentes no Cemitério dos Anjos, na Fazenda Liberdade, onde foram sepultadas, por quase dois séculos, crianças pequenas. O Cemitério dos Adultos não existe mais: ficou totalmente submerso depois que o Taquari, assoreado, avançou, inundando as terras de pequenos agricultores. ■

• AMANHÃ: Obras do gasoduto Brasil-Bolívia, uma ameaça a mais